

Independência, o próximo passo

» PRISCILA CRUZ

Mestre em administração pública pela Harvard Kennedy School, é fundadora e presidente executiva do movimento Todos Pela Educação

Há poucos dias, o então presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), Chico Soares, pediu demissão do cargo. Trata-se de perda enorme para a educação brasileira, pois estavam em curso mudanças importantes para a qualificação das informações geradas pelo órgão, em especial a contextualização dos resultados educacionais, tanto na divulgação para o público quanto para os profissionais da educação responsáveis pelas intervenções pedagógicas.

Poucos conhecem a instituição responsável pelas principais avaliações de larga escala do país e pelos censos educacionais nacionais, o Inep. O Enem, como é conhecido o Exame Nacional do Ensino Médio, a Prova Brasil e a Aneb, que aferem a proficiência dos alunos de todo o Brasil em língua portuguesa e matemática; a ANA, que é a Avaliação Nacional da Alfabetização; o Ideb, sigla para o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, que congrega proficiência e taxa de aprovação; o Censo da Educação Básica, que disponibiliza para a sociedade informações sobre os insumos da rede de ensino, entre tantos outros instrumentos, são o resultado de anos de crescimento e amadurecimento do sistema de avaliação educacional brasileiro. Mas ainda temos muito a caminhar.

Poucos órgãos federais têm tanto impacto direto na vida de milhões de brasileiros quanto o Inep. É de lá que vêm as informações que serão utilizadas para as tomadas de decisão no campo educacional, em todas as esferas de governo, em todos os entes federativos. Portanto, a qualidade das informações — com abrangência e análise, com frequência e profundidade — e também a promoção de estudos e pesquisas educacionais, como o próprio nome do órgão indica, relevantes para o desenho e execução de políticas públicas são determinantes para avançarmos em efetivas soluções



para a questão mais estratégica do país: a educação com qualidade e equidade.

Um sistema de monitoramento de indicadores educacionais tão amplo como o que o Inep gerencia existe em poucos países. E um dos entraves ao seu funcionamento é o seu gigantismo, principalmente o do Enem, que passou a tomar grande parte da agenda da instituição. O Brasil, portanto, precisa de um órgão avaliador com a estrutura necessária para dar conta de tantas frentes importantes com a qualidade analítica e a brevidade indispensáveis para apoiar a gestão educacional, função também delegada a ele pelo Plano Nacional de Educação. Mas, além desse aspecto interno, bem conhecido por quem acompanha o trabalho desenvolvido pelo órgão, é importante

enfrentar outro debate.

A boa governança demanda que o avaliador seja independente do avaliado. Ter um órgão técnico independente para o monitoramento, a pesquisa, o planejamento e a inteligência, com cronograma de divulgações e análises — que seja transparente, possível e respeitado —, é passo fundamental para que a estratégia da educação seja fortalecida com compromissos de longo prazo. Sabemos dos prejuízos das discontinuidades das políticas educacionais e de como necessitamos de instituições estáveis e independentes que, mesmo com as trocas de gestores inerente à democracia, possam ser guardiãs de processos decisivos, como a avaliação educacional.

Independentemente das políticas prioritárias das gestões

em curso, a avaliação da educação tem de manter o compromisso com as séries históricas e com análises de resultados que se traduzam em recomendações de políticas centradas na garantia dos alunos a uma educação de qualidade, com progressão e sem retrocessos. Por isso, é hora de estabelecer um debate aberto sobre a independência do Inep. Isso significa, na prática, que a instituição terá ação autônoma, porém articulada com o Ministério da Educação, além do Conselho Nacional dos Secretários de Educação (Consed) e da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), entre outros. A busca comprometida — e até fanática — pela melhoria da educação passa necessariamente por continuar aprimorando a governança.

A dra. Anadyr

» GILMAR MENDES

Ministro do Supremo Tribunal Federal

É fato dos mais admiráveis: séculos e séculos do mais ostensivo domínio masculino jamais conseguiram demover as mulheres de continuar lutando pela igualdade. Sempre sobrecarregadas, muitas vezes obrigadas a servilismo humilhante, nem assim desistiram de se opor à força desproporcional de um patriarcado truculento e cruel. O exemplo dessas mulheres ousadas, intrépidas a ponto de não temerem pela própria vida segue iluminando a trilha de milhares, e hoje já conseguimos antever o bom termo da extenuante jornada.

Dou-me por muitíssimo felizando em conviver com mulheres visionárias e valentes, incontestes líderes que diuturnamente se mostram imprescindíveis na luta pela universalização dos direitos da cidadania. Hoje, entretanto, faço reverência àquela cujo pioneirismo derrubou vários paradigmas. Sou-lhe admirador incondicional, além de devotor perpétuo, sobretudo em vista do exemplo de dedicação ao serviço público, de honradez e de competência numa trajetória funcional irrepreensível, voltada à defesa das instituições e da higidez do patrimônio público.

Bacharel em direito pelo Largo de São Francisco na década de 1950, quando o espaço acadêmico era reserva de mercado masculino, Anadyr Mendonça Rodrigues acumulou, ao longo da vida, série impressionante de protagonismos: primeira mulher a integrar o Ministério Público Federal e a assumir o cargo de advogada-geral da União, foi também quem estruturou a Corregedoria-Geral da União. À época, como corregedora-geral, era a única mulher a compor a equipe de ministros do governo Fernando Henrique Cardoso.

Para além desse pioneirismo singular que permeou todo o trajeto ascendente de figura humana especialíssima, dotada de sensibilidade aguçada e de profundo senso de dever; para além da expansão do espaço simbólico que seu exemplo continua a desbravar às mulheres brasileiras, a dra. Anadyr deixou ao país herança concreta cujos frutos persistirão por várias gerações. Infelizmente, ela só pôde ver parte dos efeitos das mudanças que possibilitou mediante décadas de labuta.

Das inúmeras frentes de trabalho em que atuou, permito-me reportar o imenso obséquio que fez ao Brasil quando, ao assumir a Coordenadoria

dos Órgãos Vinculados da Advocacia da União, racionalizou a representação judicial das autarquias e fundações federais, dando ensino a, por assim dizer, revolucionária — de tão corajosa e avançada — estruturação da Procuradoria-Geral Federal.

Impossível listar, em tão restrito espaço, os enormes benefícios de tal iniciativa para o país, quando menos no tocante à economia e à gestão de recursos públicos. Asseguro, contudo, que o efeito moralizador foi, de longe, o mais significativo, tamanha a contenção dos desvios e das negociações lastreadas na desorganização pura e simples, na certeza da impunidade, de nos desvãos possibilitados tanto pelas espúrias complicitades quanto por legislações oportunamente obsoletas.

Toda a infatigável lida tinha como propósito obstinado o combate à corrupção e a defesa do patrimônio público. Nestes nossos tempos de moralidade casuística, é de impressionar como transparece lúcido, coerente e indefectivelmente visionário o projeto da dra. Anadyr, para quem o que animava a Corregedoria-Geral da União a desempenhar tão essenciais funções era “a esperança de poder contribuir, com o seu trabalho sério, para que, algum dia

— somando os seus esforços àqueles produzidos por outros órgãos e instituições incumbidos, em diferentes planos, da prevenção e da repressão de desvios éticos —, fique definitivamente evidenciado, para os cidadãos brasileiros, que não há motivo para o desgaste do orgulho cívico nacional”.

Claro que a reação ao cerco por ela imposto a tal bandalha resultou, de imediato, em chistes maldosos, no equivocado afã de desbaratar a tese por meio da desqualificação não do argumento, mas de quem o defende. Do alto de sua sábia simplicidade, a dra. Anadyr rebateu a discriminação rasteira com mais determinação no bloqueio às irregularidades. Certíssimo: afinal de contas, o mérito é, de fato, a melhor resposta a todas as ofensas.

O aperfeiçoamento dos instrumentos de controle nas atividades dos órgãos públicos sintetiza, ainda que de modo incompleto e aligeirado, a enorme contribuição para a solidez de nossa democracia. Hoje estamos a assistir aos prenúncios de melhores dias que virão, esteados certamente nas sementes que a dra. Anadyr plantou, cujos frutos haveremos por bem de colher e mais brevemente do que imaginamos.



ARI CUNHA
DESDE 1960

VISTO, LIDO E OUVIDO

aricunha@dabr.com.br
com Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br

Poeira e batom

O que tinham de discretas, as mulheres pioneiras tinham de fortes. O que tinham de simples, completavam com a solidariedade. No ambiente hostil do Planalto Central, elas entraram de corpo e alma. O espírito inovador construía a Capital da Esperança. Copacabana deu lugar a apartamento tão pequeno que o piano, ferramenta de trabalho, não entrava. Assim foi com a autora do *Hino de Brasília*. Neusa França veio do Rio de Janeiro e teve sua música aprovada em concurso público. Palmerinda Donato, toda garbosa, chegou com sapato aveludado para a inauguração da cidade. Caprichou no visual. Logo no primeiro passo, atolou o pé no barro. Era presságio de que nada seria fácil. Mas também venceu.

Muitas dessas mulheres estariam cobertas pelo manto do anonimato não fosse a garra de Tânia Fontenele, nossa homenageada hoje. No ambiente doméstico, nascida e crescida em Brasília, Tânia percebeu que, quando o assunto era a construção de Brasília, os nomes que vinham eram sempre de Juscelino, Lucio Costa, Niemeyer. Dona Júlia e Sarah Kubitschek eram citadas também, mas com pouca ênfase. Inquieta, Tânia resolveu buscar informações com dona Inês Fontenele Mourão, a mãe, que tinha participado da criação da primeira associação de mulheres empresárias da nova capital. Ela era fonte rica sobre as batalhadoras da cidade.

Em 1985, o primeiro filme de Tânia Fontenele foi *Corrida das 5.300 mulheres*. O fato de ter sido, na década de 1990, professora da Enap também contribuiu para os valiosos contatos que iam aparecendo. Ela participava de programas de capacitação de ordem técnica e gerencial para mulheres que ocupavam cargos importantes no setor público. Desenvolveu, até no mestrado, o tema mulheres no topo da carreira — flexibilidade e persistência. O estudo foi marco na atenção às mulheres. A Secretaria da Mulher, na Presidência da República, publicou 3 mil exemplares que foram espalhados por todo o país. É possível acessar o trabalho no seguinte endereço eletrônico: <http://www.spm.gov.br/arquivos-diversos/publicacoes/publicacoes/topo-carreira-fim.pdf>.

Em 2007, Tânia participou da criação do Instituto de Pesquisa Aplicada da Mulher (Ipam), onde hoje é coordenadora. Em 2009, no aniversário de Brasília, pesquisa patrocinada pela Petrobras e GDF mostrou a invisibilidade das mulheres que participaram ativamente da construção da cidade. Para Tânia elas eram invisíveis, mas, nas entrevistas, ela pôde perceber que estavam satisfeitas pelo trabalho que realizaram, e mais ainda naquele momento em que teriam a memória oral registrada para as próximas gerações. A cultura da época foi desafio para Tânia. Com fotos lindas nas mãos, o registro dizia sr. Manoel d'Andrade e esposa. Nunca, ou quase nunca, a mulher tinha nome e sobrenome.

As pioneiras sabem a importância do trabalho de Tânia Fontenele e colaboram como podem. Cedem ou emprestam fotos, objetos, textos, o que têm em casa desde os anos 1960. Assim, como um cerrado em pequenas peças, as famílias pioneiras vão ocupando o espaço na História de Brasília. Isoladas, longe da cidade em que viviam, a relação humana que deu início à nova capital era diferente de qualquer lugar no Brasil. As pessoas se ajudavam mutuamente, um grupo que tinha carro aguardava os novos moradores no aeroporto para o deslocamento, médicos atendiam as emergências em qualquer hora ou lugar. O espírito de solidariedade era a regra. Todos se cumprimentavam, se conheciam, conversavam.

Poeira e batom é um filme de Tânia que mostra a saga da construção de Brasília. Uma decisão política e econômica de grande envergadura que chamou para si o esforço de cada brasileiro. Brasília é vista como cidade arquitetonicamente moderna, com espaços livres, mas é importante que os jovens saibam que o cenário de desenvolvimento era muito diferente do que se vê hoje. Tânia discorda dos que dizem que Brasília nasceu no meio do nada. Tribos indígenas, pessoas que já estavam aqui desde o século 18 também não são parte da história da capital por falta de conhecimento.

Brasília tem muito mais do que a arquitetura para mostrar. Acreditando na capacidade da educação em promover o ser humano, um projeto social e político, com os educadores mais modernos do país, implementou o melhor sistema educacional do Brasil. Educação em tempo integral, a nata da intelectualidade participou dos projetos inovadores. A Escola Parque, que deveria estar espalhada pela cidade, a Escola de Música, que deveria ter dezenas espalhadas pelas quadras. A base era uma cidade humanizada. Arte, conhecimento, convivência. O investimento de alto nível em termos de propostas e inovação. Alto nível, explica Tânia, não quer dizer muito dinheiro. Ninguém ostentava nada.

Tudo o que era de alta qualidade tinha o toque da simplicidade. Assim como os traços de Niemeyer. As escolas eram simples e aconchegantes. A criação das crianças era mais socialista do que nunca. Na mesma sala de aula, filhos de ministros e filhos de operários brincavam sem dar importância para status. A cidade vai além do que é visto. A cidade foi criada com conceitos de cordialidade. Aqui não se buzinava. As tesourinhas foram criadas para dar oportunidade de os motoristas cederem a vez, os porteiros moravam nos prédios. As pessoas que chegam e dizem que Brasília é uma cidade fria é porque nunca experimentaram dar um sorriso com um bom-dia.

Tânia prepara o doutorado sobre as memórias femininas de Brasília e já arruma a bagagem para se mudar para o Arquivo Público, que sempre a recebeu de portas abertas. Faltam mesmo para completar o projeto de registro da história da capital apoio institucional e financeiro do GDF ou do governo federal para a construção da sede da memória feminina na construção de Brasília. A autoestima das pioneiras é visivelmente valorizada com esse projeto. As próprias famílias descobriram as avós e bisavós, vendo o valor das mulheres tantas vezes sozinhas, mal ouvidas e até deprimidas.

Venham conhecer Tânia Fontenele na projeção do filme *Poeira e batom*. De 8 a 15 de março a partir das 18h30. Documentário e exposição homenageiam pioneiras no Dia Internacional da Mulher. Pela primeira vez o filme *Poeira e batom* vai ser exibido com legenda em francês, e a mostra Memórias Femininas da Construção de Brasília ganha nova configuração. Entrada franca, na Aliança Francesa, SEPS 708/908. O nosso muito obrigado a essa brasileira. Que o governo reconheça o trabalho providenciando sede fixa para um centro de pesquisa, de exibição e exposição da memória feminina que contribuiu para a construção de Brasília.

» História de Brasília

As casas de armas de Goiânia e Brasília venderam, nestes últimos dias, todos os estoques de balas de todos os calibres. (Publicado em 1/9/1961)